



## Pesquisa Holotrópica e Astrologia Arquetípica

Stanislav Grof, M.D.

No artigo final desta seção, Stanislav Grof aborda a interface entre a psicologia transpessoal e a perspectiva astrológica, descrevendo sua colaboração com Richard Tarnas e as conexões que descobriram entre os arquétipos planetários e a psicodinâmica do inconsciente. Este artigo, anteriormente não publicado, apresenta evidências notáveis em apoio à astrologia arquetípica da pesquisa de Grof sobre estados de consciência não comuns nas últimas cinco décadas.

Substâncias psicodélicas, em geral, e LSD, em particular, podem influenciar profundamente o funcionamento da psique humana. Dependendo da personalidade do indivíduo que os toma e do "cenário e cenário", seus efeitos podem ser extremamente benéficos ou deletérios. Duas pessoas podem tomar a mesma substância, a mesma dose, no mesmo local e, no entanto, têm experiências radicalmente diferentes, até diametralmente opostas. Por esse motivo, desde o início das experiências psicodélicas, os pesquisadores tentaram encontrar maneiras de prever o impacto que essas substâncias teriam sobre a pessoa que as toma.

O esforço para descobrir um método para prever a reação aos psicodélicos e o resultado terapêutico foi um dos objetivos de um grande estudo clínico que nossa equipe de pesquisa conduziu no Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland nas décadas de 1960 e 1970. Usamos para esse fim uma bateria de testes psicológicos padrão, incluindo o Inventário de Personalidade Multidimensional de Minnesota (MMPI), o Inventário de Orientação Pessoal (SIG) de Shostrom (POI), o Teste de Rorschach Inkblot, nosso próprio Questionário de Experiência Psicodélica (PEQ) e outros. Esta pesquisa confirmou minhas descobertas anteriores no Instituto de Pesquisa Psiquiátrica em Praga, Checoslováquia e a conclusão do estudo da literatura profissional, de que os resultados dos testes desenvolvidos e comumente usados pela psicologia ocidental eram essencialmente inúteis nesse sentido.

Ironicamente, quando, depois de anos de esforço frustrante, finalmente encontrei uma ferramenta que tornava possíveis essas previsões, era mais controversa do que os próprios psicodélicos. Era a astrologia, uma disciplina que, mesmo depois de anos estudando fenômenos transpessoais, eu próprio tendia a rejeitar como uma pseudociência ridícula. Percebi, no entanto, que a astrologia poderia ser uma

ferramenta inestimável no trabalho com psicodélicos e com outras formas de estados não ordinários (ou "holotrópicos") de consciência, como os induzidos por poderosas técnicas experienciais da psicoterapia (terapia primária), renascimento e respiração holotrópica) ou ocorrendo espontaneamente durante crises psicoespirituais.

A mudança radical na minha atitude em relação à astrologia foi o resultado da colaboração com o psicólogo e filósofo Richard Tarnas, meu amigo e colega íntimo. Por mais de três décadas, a partir de 1976, exploramos conjuntamente os correlatos astrológicos de experiências místicas, crises psicoespirituais, episódios psicóticos, estados psicodélicos e sessões de respiração holotrópica. Este trabalho mostrou que a astrologia, particularmente o estudo dos trânsitos planetários, pode prever e iluminar o conteúdo arquetípico de estados incomuns de consciência e o momento em que é provável que estados específicos ocorram. Nosso estudo sistemático das correlações entre a natureza e o conteúdo de estados holotrópicos e trânsitos planetários me convenceu de que uma combinação de terapia experimental profunda com psicologia arquetípica e astrologia de trânsito é a estratégia mais promissora para o desenvolvimento futuro da psiquiatria e da psicologia profunda.

## **Astrologia e Ciência Ocidental Moderna**

Estou ciente de que esta é uma afirmação muito forte, particularmente em vista do fato de que muitos cientistas comuns consideram a astrologia, como eu próprio, em princípio incompatível com a visão científica do mundo. Como muitos outros sistemas esotéricos, a astrologia foi uma das vítimas do racionalismo e materialismo da Revolução Científica. Foi rejeitado não com base em provas científicas de que suas premissas eram falsas, mas devido à sua incompatibilidade com as suposições metafísicas fundamentais da ciência ocidental dominadas pelo materialismo monístico. Mais especificamente, existem várias razões importantes para a rejeição da astrologia por cientistas materialistas.

Primeiro, a ciência ocidental retrata o universo como um sistema mecânico impessoal e amplamente inanimado, uma super-máquina que se criou e é governada por leis naturais mecânicas. Nesse contexto, vida, consciência e inteligência são vistas como produtos mais ou menos acidentais da matéria. Por outro lado, as premissas básicas da astrologia são que o cosmos é uma criação de inteligência superior, que se baseia em uma ordem mais profunda inconcebivelmente intrincada e que essa ordem reflete um propósito mais elevado. A perspectiva astrológica reflete de perto o significado original da palavra grega Kosmos, que descreve o mundo como um sistema inteligentemente ordenado, padronizado e coerentemente interconectado com a

humanidade como parte integrante do todo. Nesta visão, a vida humana não é o resultado de forças aleatórias governadas por acaso caprichoso, mas segue uma trajetória inteligível, de alguma forma sintonizada com os movimentos dos corpos celestes e, portanto, pode ser pelo menos parcialmente intuída.

Segundo, porque o pensamento astrológico pressupõe a existência de arquétipos - princípios primordiais atemporais subjacentes e informadores do tecido do mundo material - ele reconhece uma dimensão da realidade que não pode ser detectada usando técnicas da ciência moderna. Sob a influência do materialismo positivista, a ciência só reconhece a existência de dimensões ocultas e invisíveis da realidade se estas puderem ser acessíveis através do uso de dispositivos que ampliam o alcance de nossos sentidos, como microscópios, telescópios ou sensores, detectando várias faixas de radiação eletromagnética. A dimensão arquetípica claramente não se enquadra nessa categoria.

A tendência de interpretar o mundo em termos de princípios arquetípicos surgiu pela primeira vez na Grécia antiga e foi uma das características mais marcantes da filosofia e cultura gregas. Os arquétipos podem ser vistos de várias perspectivas diferentes. Nos épicos homéricos, tomavam a forma de figuras mitológicas personificadas, como divindades, como Zeus, Poseidon, Hera, Afrodite ou Ares. Na filosofia de Platão, eles eram descritos como princípios metafísicos puros, as idéias ou formas transcendentais, que possuíam existência independente própria em um reino não acessível aos sentidos humanos comuns. Nos tempos modernos, C. G. Jung trouxe o conceito de arquétipos para a psicologia moderna, descrevendo-os principalmente como princípios psicológicos.<sup>1</sup> Para todos os esforços de Jung, no entanto, e apesar de suas tentativas de formular sua teoria com base apenas na observação empírica da psique, a existência de arquétipos é geralmente ignorada ou descartada sumariamente pelo establishment científico.

Terceiro, outro grande obstáculo para considerar seriamente a astrologia é o pensamento exclusivamente determinístico da ciência ocidental. O universo é visto como uma cadeia mecanicista de causas e efeitos e o princípio da causalidade determinista linear é considerado obrigatório para todos os processos no universo. Uma grande exceção inquietante a essa regra, a origem do universo e a questão da "causa de todas as causas", raramente é mencionada em discussões científicas. A causalidade determinista é o único tipo de influência que muitos críticos da astrologia geralmente podem imaginar e levar em consideração. E a idéia de um efeito material direto dos planetas na psique e no mundo é, é claro, implausível e absurda.

Finalmente, a ênfase que a astrologia coloca no momento do nascimento não faz

sentido na psicologia acadêmica e na psiquiatria, que geralmente não vê o nascimento biológico como um evento psicologicamente relevante. Os psiquiatras clínicos e acadêmicos geralmente usam uma estrutura conceitual muito estreita, limitada à biografia pós-natal e ao inconsciente individual freudiano. Eles geralmente não reconhecem o nível perinatal do inconsciente pertencente à memória profunda do trauma do nascimento e sua poderosa influência na personalidade adulta e nas experiências biográficas. A rejeição do significado psicológico do nascimento baseia-se na suposição altamente questionável de que o cérebro do recém-nascido não pode registrar o impacto traumático da experiência do parto, porque o processo de formação de mielinização das bainhas de mielina gordurosa que cobrem os neurônios) o cérebro não está totalmente completo no momento do nascimento.

1. Para mais informações sobre a evolução da perspectiva arquetípica do mito antigo para a psicologia moderna, consulte os "Princípios Arquetípicos" de Richard Tarnas nesta edição de Archaï, 23-35; e C. G. Jung, Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, em Collected Works, vol. 9,1 trad. R. F. C. Hull (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1959).

### **Evidências para Astrologia da Pesquisa Holotrópica.**

Desde a década de 1950, no entanto, várias décadas de pesquisa sistemática de estados holotrópicos geraram grandes quantidades de dados que minam essas suposições básicas da ciência materialista e trazem evidências de suporte para a astrologia. Essas observações revelam:

1. a existência de experiências transpessoais que apontam para um cosmos ensopado permeado de consciência e inteligência cósmica criativa;
2. a possibilidade de experiência direta de realidades espirituais, incluindo figuras, motivos e domínios arquetípicos, e validação empírica da autenticidade dessas experiências;
3. a importância psicodinâmica crítica da experiência do nascimento para o desenvolvimento psicológico e a vida do indivíduo;
4. a existência de sincronicidades que representam uma alternativa importante e viável ao princípio da causalidade mecanicista;
5. as notáveis correlações entre a psicodinâmica do processo de nascimento e os arquétipos planetários associados aos quatro planetas externos
6. o extraordinário potencial preditivo dos trânsitos astrológicos para a natureza, tempo e conteúdo dos estados holotrópicos de consciência

7. o reconhecimento das conexões profundas entre o padrão arquetípico de gráficos de nascimento e sistemas COEX na psique individual

8. a relação entre o trânsito do mundo astrológico e os padrões de incidência e diagnóstico da psicopatologia.

**1. Evidências para um cosmos animado (inculcado de alma):** O estudo de estados holotrópicos de consciência trouxe fortes evidências de que as experiências transpessoais não podem ser descartadas como produtos psicóticos irrelevantes. O fato de que essas experiências aparentemente fornecem acesso a novas informações precisas sobre vários aspectos da existência sugere fortemente que eles são fenômenos *sui generis*. Observamos inúmeros casos em que os sujeitos descreviam informações sobre épocas passadas ou eventos históricos específicos, ou descrições subjetivas detalhadas do comportamento animal ou da vida vegetal, que o indivíduo não conhecia nem tinha acesso antes da experiência, mas que foram comprovadas em pesquisas subsequentes. Para ser exato. Desafiando os pressupostos mais fundamentais da ciência materialista, as experiências transpessoais sugerem que a consciência humana é contínua com a natureza interior do universo, que dessa perspectiva parece ser uma rede unificada de eventos na consciência permeados pela interioridade e pela inteligência. Tais experiências fornecem evidências empíricas sugerindo que a psique humana individual faz parte de uma psique maior que não tem limites e é essencialmente proporcional a toda a existência. Assim, confirmam um princípio básico de muitos sistemas esotéricos, incluindo a astrologia, que o microcosmo "reflete" o macrocosmo. Essa noção, que parece completamente absurda do ponto de vista da ciência mecanicista, recebeu nas últimas décadas apoio inesperado de várias novas teorias e desenvolvimentos nas ciências. O desenvolvimento de lasers, holografia óptica, o modelo holográfico da realidade de David Bohm na física quântica e o modelo holográfico do cérebro de Karl Pribram sugeriram novas possibilidades radicais relativas à relação entre a parte e o todo.<sup>2</sup>

**2. Suporte empírico à existência de arquétipos:** Estados holotrópicos fornecem acesso experimental direto às dimensões espirituais ou numinosas da existência, incluindo os arquétipos. Isso é importante porque o conceito de arquétipo é essencial para a astrologia, como está sendo entendido aqui. Como vimos, no século XX, C. G. Jung ressuscitou a antiga idéia de arquétipos e os introduziu na moderna psicologia profunda, na forma de princípios psicológicos, padrões de organização primordiais da psique. Ele e seus seguidores exploraram e descreveram detalhadamente o importante papel que os arquétipos desempenham na vida de indivíduos, nações e natureza. Muitos artigos e livros

profissionais, bem como literatura popular escrita por autores com orientação junguiana, sugerem que nossas características e comportamento pessoais refletem a dinâmica de poderosos princípios arquetípicos e que encenamos temas arquetípicos típicos em nossa vida cotidiana.<sup>3</sup>

Até agora, a maioria dos psicólogos e psiquiatras acadêmicos considerou a idéia de Jung dos arquétipos infundada e especulativa e se recusou a levar a sério. No entanto, a pesquisa moderna da consciência confirmou a existência de arquétipos além de qualquer dúvida razoável, mostrando que em estados holotrópicos de consciência eles podem realmente ser diretamente experimentados. Publiquei em outros contextos histórias de casos que ilustram como as experiências transpessoais envolvendo arquétipos podem fornecer novas informações sobre realidades mitológicas de culturas desconhecidas para o experimento e abrir novas possibilidades terapêuticas (Grof 1985, 1988, 1992, 2000, 2000, 2006).

Uma característica importante dos arquétipos é que eles não estão confinados ao cérebro humano e não se originam dele, mas operam a partir de reinos transcendentais e exercem uma influência sincronística nas psiques e eventos individuais no mundo físico. O casamento entre astrologia e psicologia arquetípica, baseado no trabalho de Jung, representa um avanço extraordinário em ambos os campos. Traz a precisão matemática da astronomia para o mundo interior e imaginativo abordado pela psicologia profunda, enriquecendo enormemente as possibilidades de especulações teóricas e previsões clínicas.

2. Ver, por exemplo, Michael Talbot, *The Holographic Universe* (Nova York: Harper Collins Publishers, 1991), e David Bohm, *Wholeness and the Implicate Order* (Londres: Routledge, 1980).

3. Ver, por exemplo, Jean Shinoda Bolen, *Deusas em Everywoman: Uma Nova Psicologia das Mulheres* (San Francisco: Harper e Row, 1984), e *Gods in Everyman: Uma Nova Psicologia das Vidas e Amores dos Homens* (San Francisco: Harper e Row, 1989). Veja também Joseph Campbell, *Myths to Live By* (Nova York: Bantam, 1972), e James Hillman, *Re-Visioning Psychology* (1975; repr. Nova York: HarperPerennial, 1992).

**3. Significação psicológica do nascimento:** o trabalho com estados holotrópicos corrigiu o surpreendente equívoco de grande parte da psiquiatria acadêmica de que a única maneira pela qual o parto biológico pode ter alguma consequência para a condição mental, vida emocional e comportamento do indivíduo é se ele causou danos irreversíveis de células cerebrais. Tenho observado em inúmeras ocasiões que essa experiência desafiadora deixa uma poderosa impressão de emoções e sentimentos físicos que, em interação com eventos pós-natais, são fundamentais para o desenvolvimento de vários distúrbios emocionais e psicossomáticos. Além disso, o padrão geral de nosso nascimento também tende a se refletir na maneira como lidamos com as vicissitudes de nossa vida e

abordamos tarefas e projetos exigentes. Há também evidências impressionantes de que o que chamei de matrizes perinatais na psique de pessoas individuais pode desempenhar um papel importante no envolvimento desses indivíduos em eventos sociopolíticos coletivos e movimentos culturais (deMause 1982; Grof 1998, 2000). Essas observações trazem um apoio importante à astrologia, que há muito atribui grande significado ao momento do nascimento como precursor simbólico do padrão de vida geral de uma pessoa. Eles também estão relacionados a outro princípio básico da astrologia que define com precisão a relação entre eventos e acontecimentos em larga escala na vida individual. As evidências astrológicas sugerem há muito tempo que os principais movimentos e ocorrências da história humana estão correlacionados com as posições planetárias e suas inter-relações mútuas. Também sugeri que o grau e a natureza da participação dos indivíduos nesses eventos coletivos e os incidentes específicos em suas vidas refletem seus trânsitos planetários pessoais, que representam a relação entre os trânsitos mundiais e os mapas natal pessoais.

**4. O fenômeno da sincronicidade:** a tendência de pensar em termos de influências causais diretas é uma das principais razões pelas quais a astrologia foi tão veementemente rejeitada. Lembro-me de uma de minhas discussões com Carl Sagan sobre psicologia transpessoal, durante a qual ele me disse calorosamente a mim e a outros: “Astrologia é total besteira; enquanto estou aqui, tenho mais influência sobre você do que Plutão. Ele pensava claramente sobre esse assunto em termos de massas, distâncias, forças gravitacionais e outros termos físicos. Essa é uma abordagem que ignora completamente o ponto. Críticos da astrologia como Carl Sagan não entendem que os astrólogos estão usando um paradigma sofisticado que assume uma relação sincronística entre os planetas, a psique humana e os eventos externos. Para entender a astrologia, devemos pensar em termos sincronísticos.

Richard Tarnas e eu apresentamos conjuntamente nossas descobertas sobre a relação entre a psique e o cosmos em vários cursos acadêmicos de nível de pós-graduação no Instituto de Estudos Integrais da Califórnia (CIIS) em San Francisco, bem como em oficinas de treinamento transpessoal e seminários públicos. A primeira coisa que sempre procuramos esclarecer antes de qualquer discussão sobre esse material é que, ao falar de correlações de experiências e eventos com aspectos e movimentos planetários, de forma alguma implicamos uma influência causal linear dos corpos celestes nas psiques humanas ou ocorrências no mundo material.

Uma maneira mais plausível de pensar em astrologia pode ser ilustrada por um exemplo simples. Quando olho para o meu relógio que possui a hora correta e mostra que são sete horas, posso deduzir que todos os relógios no mesmo fuso

horário que mostram a hora correta também mostrarão que são sete horas . Posso ainda assumir com razoável certeza que, se eu ligar a televisão, poderei ver as notícias das sete ou que minha chegada seja esperada no restaurante onde fiz uma reserva às sete. Naturalmente, isso não significa que meu relógio exerça influência direta sobre outros relógios no ambiente, que provoque notícias na televisão ou interaja com a consciência do pessoal do restaurante. Todos esses eventos são simplesmente sincronizados em relação ao tempo astronômico, uma dimensão oculta que está operando “nos bastidores” e não pode ser percebida diretamente.

Do mesmo modo, o pensamento subjacente à astrologia sugere que, no esquema universal das coisas, os movimentos dos planetas e os aspectos geométricos que eles estão criando estão correlacionados com a dinâmica arquetípica oculta que molda os eventos no mundo fenomenal. A visibilidade dos planetas permite que eles sejam usados para inferir o que está acontecendo no mundo dos arquétipos ou, usando o exemplo acima, que horas são no mundo arquetípico. Por sua vez, sua relação angular com as posições dos planetas em nosso mapa natal (trânsitos) parece indicar como essa situação pode se manifestar em nossa vida pessoal.

O **princípio da sincronicidade** como uma alternativa significativa à causalidade linear foi primeiro descrito de forma abrangente por Jung. Segundo ele, a sincronicidade é um princípio de conexão acausal que se refere a coincidências significativas de eventos separados no tempo e / ou no espaço.<sup>4</sup> Embora Jung tivesse um interesse geral em coincidências peculiares da vida, ele se interessava principalmente por conjuntos particulares de coincidências nas quais vários eventos externos estavam significativamente relacionados a experiências internas, como sonhos, fantasias e visões. Ele definiu sincronicidade desse tipo como uma "ocorrência simultânea de um certo estado psíquico com um ou mais eventos externos que parecem paralelos significativos com o estado subjetivo momentâneo".<sup>5</sup>

Por causa da crença moderna profundamente arraigada na causalidade determinista como uma lei central da natureza, Jung hesitou por muitos anos em publicar suas observações de eventos que se recusavam a se encaixar nesse modelo. Adiou a publicação de seu trabalho sobre esse assunto até que ele e outros tivessem coletado literalmente centenas de exemplos convincentes de sincronicidade, tornando-o absolutamente certo de que tinha algo válido para relatar. Também era importante para ele que ele fosse encorajado a desenvolver seu conceito de sincronicidade por dois pioneiros da física moderna, Albert Einstein e Wolfgang Pauli.

No trabalho com estados holotrópicos, a ocorrência de ocorrências marcantes de sincronicidade é tão comum que não deixa dúvidas sobre o fato de representar uma importante alternativa à causalidade mecanicista como princípio de conexão. Na prática meditativa, terapia psicodélica, respiração holotrópica e crises psicoespirituais espontâneas ("emergências espirituais"), o material de fantasia emergindo do inconsciente geralmente entra em uma interação complexa e criativa com vários aspectos da realidade de consenso, coincidindo com eventos externos de maneiras que sugerem fortemente uma conexão subjacente de significado que não está simplesmente sendo projetada pelo indivíduo. Esse fenômeno desafia nossas suposições mais fundamentais sobre a realidade, uma vez que questiona a nítida distinção que costumamos fazer entre os mundos interno e externo.

4. Ver C. G. Jung, *Synchronicity: An Acausal Connecting Principle*, em *Collected Works*, vol. 8, trad. R. F. C. Hull (Princeton: Princeton University Press, 1960).

5. Jung, *Sincronicidade: Um Princípio de Conexão Acausal*, par. 850.

Um exemplo típico é a incidência de sincronicidades extraordinárias na vida das pessoas em terapia holotrópica que estão envolvidas em reviver e integrar conscientemente a memória do nascimento biológico - um processo que eu achei fundamental para a transformação psicológica e a resolução de várias formas de patologia física e psicológica. Durante as sessões holotrópicas, quando o processo de exploração interna aproxima os participantes da experiência de "morte do ego", mas não atinge a conclusão, esses indivíduos geralmente encontram no cotidiano um acúmulo marcante de situações perigosas, lesões e acidentes. É importante enfatizar que estou me referindo aqui a eventos causados por outras pessoas ou circunstâncias externas e que não resultam de tendências autodestrutivas dos próprios sujeitos.

Quando essas pessoas experimentam a morte total do ego e o renascimento psicoespiritual, trabalhando conscientemente através do trauma não resolvido do nascimento biológico, essas situações tendem a esclarecer-se tão magicamente quanto se desenvolveram. Parece que, nesse estágio de transformação pessoal, o indivíduo precisa lidar com o tema da destruição e da perda, mas tem a opção de experimentá-lo como um processo interno ou como um evento da vida real. É exatamente isso que os astrólogos observam em relação ao efeito de trânsitos planetários difíceis, quando as raízes mais profundas de padrões de comportamento inconsciente potencialmente destrutivos associados a esses trânsitos podem ser trazidas à consciência e trabalhadas em sessões terapêuticas, em vez de encontradas nas relações com o mundo.

Sincronicidades igualmente notáveis também estão associadas a várias formas de

experiências transpessoais. Os eventos sincronísticos frequentemente acompanham a revivência do que são consideradas experiências de vidas passadas e também são muito frequentes no momento do confronto interno com figuras e motivos arquetípicos. Por exemplo, quando as pessoas envolvidas em intenso processo interno lidam com os temas de Animus, Anima, Sábio Ancião, a Grande Mãe ou a Mãe Devoradora, representantes humanos apropriados dessas figuras geralmente se manifestam em sua vida cotidiana.

Da mesma forma, quando uma pessoa tem uma experiência xamânica poderosa que envolve um guia espiritual dos animais, esse animal pode aparecer repentinamente de várias maneiras na vida dessa pessoa com uma frequência que está além de qualquer probabilidade razoável. Também tem sido a experiência de muitas pessoas que, quando se envolvem desinteressadamente em um projeto inspirado nos domínios transpessoais da psique, sincronicidades extraordinárias tendem a ocorrer e tornam seu trabalho surpreendentemente fácil.

**5. Correlações entre a psicodinâmica do processo de nascimento e os arquétipos planetários:** A primeira indicação de que pode haver alguma conexão extraordinária entre a astrologia e minha pesquisa de estados holotrópicos foi o reconhecimento de Richard Tarnas de que indivíduos que experimentavam grandes avanços e despertares psicológicos tendiam, naquele momento, a estar passando por grandes trânsitos pessoais envolvendo o planeta Urano, freqüentemente em combinação com Júpiter, enquanto aqueles que passam por períodos mais difíceis e psicologicamente mais restritivos tendem a passar por trânsitos envolvendo Saturno. Eventualmente, ele percebeu que essa dicotomia simples fazia parte de padrões de correlação muito mais complexos, envolvendo todos os planetas e uma ampla gama de condições psicológicas e estágios de transformação.

Uma observação particularmente notável foi a constatação de Tarnas de que minha descrição dos padrões experienciais associados aos estágios do nascimento biológico mostrava uma semelhança surpreendente com os quatro arquétipos que os astrólogos correlacionaram empiricamente com os quatro planetas externos do sistema solar.<sup>6</sup> Minha descrição da fenomenologia das quatro matrizes perinatais básicas (ou MPBs), pertencentes a diferentes estágios do processo de nascimento, foram baseadas em observações clínicas feitas de maneira bastante independente muitos anos antes de eu saber algo sobre astrologia.

Por meio de um resumo muito breve: Nas formas positiva e negativa, a primeira matriz perinatal (BPM I) reflete inconfundivelmente o arquétipo que os astrólogos vinculam a Netuno. O aspecto positivo do BPM I inclui o reviver de episódios de

existência intrauterina imperturbável, bem como as experiências concomitantes de dissolução de fronteiras, experiências de fusão interpessoal, êxtase oceânico, sentimentos cósmicos de unidade, transcendência de tempo e espaço e consciência do místico e dimensões numinosas da realidade. Os aspectos negativos da BPM I estão associados a experiências regressivas de distúrbios pré-natais. Aqui a dissolução das fronteiras não é mística, mas de natureza psicótica; leva a confusão, ilusão, um sentimento de envenenamento químico, distorções metafísicas bizarras e percepções paranóicas da realidade. Essa matriz também possui uma conexão psicodinâmica com intoxicação e dependência alcoólica ou narcótica. Todas essas qualidades, positivas e negativas, são aquelas que os astrólogos associam ao arquétipo de Netuno.

A segunda matriz perinatal (BPM II) representa o estágio em que as contrações uterinas comprimem periodicamente o bebê, mas o colo do útero ainda está fechado e não parece haver uma saída (daí “sem saída”). Características proeminentes dessa matriz incluem a preocupação com o envelhecimento e a morte, provações difíceis e trabalho duro, depressão, opressão, constrição, déficit, escassez e fome. Essa matriz também traz sentimentos de inadequação, inferioridade, solidão e culpa. Está associado ao ceticismo e a uma visão profundamente pessimista da existência, a uma crise de significado devastadora, a incapacidade de desfrutar de qualquer coisa e a perda de qualquer conexão com a dimensão divina da realidade. Na astrologia, todas essas qualidades são consideradas atributos do lado mais desafiador do arquétipo de Saturno.

A correspondência astrológica precisa com os aspectos experienciais da terceira matriz perinatal (BPM III) é particularmente extraordinária e surpreendente, pois essa matriz representa uma combinação incomum de temas característicos do estágio final do nascimento biológico, incluindo o impulso implacável de uma força motriz elementar, o desencadeamento de energias titânicas, agonia dionisíaca e êxtase, nascimento, sexo, morte, renascimento, eliminação e escatologia. Também devemos mencionar aqui os motivos de erupções vulcânicas, pirocatarsis, fogo purificador e o submundo - urbano, criminal, psicológico, sexual e mitológico. Astrologicamente, todos esses são considerados atributos de Plutão, o arquétipo da energia primordial - o princípio dinâmico por trás da criação cósmica, a força vital universal que impulsiona a evolução na natureza e na sociedade humana (**Kundalini Shakti** na mitologia hindu), bem como a energia de destruição (a devoradora Deusa Mãe Kali). Plutão está associado aos processos biológicos fundamentais do nascimento, sexo e morte, ao processo transformador da morte e renascimento psicoespiritual e às forças instintivas no corpo e na psique (o ID freudiano). Representa os elementos crônicos da existência, o submundo, seja no sentido físico literal (subterrâneo, infra-estrutura da metrópole), no sentido metafórico (distritos da luz vermelha,

crime organizado), no sentido psicológico (inconsciente) ou no um sentido mitológico arquetípico no qual o deus romano Plutão (o grego Hades) era o governante do submundo - todos os temas que figuram com destaque na fenomenologia da terceira matriz perinatal.

6. Aprendi recentemente que essa correspondência também foi observada de forma independente por Dominique Levadoux, que a discutiu em inúmeras palestras na França ao longo dos anos.

Finalmente, a fenomenologia da quarta matriz perinatal (BPM IV) - a experiência de emergir do canal de nascimento - está intimamente relacionada ao arquétipo que os astrólogos sempre associaram ao planeta Urano. O BPM IV representa o estágio final da entrega, onde o desconforto e as pressões culminam e são resolvidos em uma liberação explosiva. Caracteriza-se por características como a solução inesperada de uma situação difícil, rompendo e transcendendo fronteiras, idéias brilhantemente esclarecedoras, libertação e epifania prometeanas, subindo repentinamente para um novo nível de consciência e liberdade radical de restrições anteriores. Todos esses temas são associados pelos astrólogos ao planeta Urano, representando o princípio astrológico de mudança repentina, surpresa, rebelião contra o status quo, atividade revolucionária, libertação, despertar espiritual e avanço emocional e intelectual. Além disso, governa o colapso repentino de estruturas estabelecidas, impulsos e eventos perturbadores e desestabilizadores, individualismo e originalidade, insight revolucionário, gênio criativo e invenção. O lado sombrio do arquétipo de Urano encontra sua expressão em anarquia, excentricidade infrutífera e atuação indiscriminada contra limitações e leis de qualquer tipo, o que corresponde notavelmente à observação clínica de experiências perinatais do BPM IV que foram inadequadamente processadas por atividade maníaca e inflação, comportamento irrestrito irresponsável, energia criativa não aterrada e atuação anárquica de vários tipos.

**6. Correlações entre Estados Holotrópicos e Trânsitos Planetários:** Ainda mais surpreendente do que esses paralelos impressionantes entre a fenomenologia das matrizes e temas perinatais associados aos arquétipos planetários, foi a descoberta de Tarnas de que, em estados holotrópicos, o confronto experiencial com essas matrizes ocorre regularmente no momento em que a os indivíduos envolvidos têm trânsitos importantes dos planetas correspondentes. Ao longo dos anos, conseguimos confirmar esse fato com milhares de observações específicas.

Por exemplo, durante o trânsito de Saturno-Plutão, um indivíduo em uma sessão holotrófica tem mais probabilidade de ter experiências de extrema opressão e restrição, de terror e pavor, de apocalipse iminente e de conflito entre licenciosidade instintiva e controle punitivo, culpa e vergonha. Esses trânsitos

também estão associados ao confronto com o poder demoníaco e com forças esmagadoras da escuridão. Juntos, Saturno e Plutão estão associados à segunda e à terceira matrizes perinatais, e à transição entre o senso de “não saída”, julgamento e condenação eterna associada ao BPM II, ao sofrimento purgatório e à violenta luta de morte e renascimento associados a BPM III. Nos estados holotrópicos de consciência que ocorrem durante esses trânsitos, a fenomenologia de ambos os BPMs, como asfixia e asfixia, ou as imensas pressões psicossomáticas associadas à constrição no útero e à passagem pelo canal de parto, é frequentemente evidente.

Sob os trânsitos de Júpiter-Urano, por outro lado, é mais provável que os estados holotrópicos sejam caracterizados pela experiência de liberação repentina de uma situação difícil ou opressiva, descobertas criativas, a inesperada e alegre emergência em um novo mundo mais brilhante ou o amplo sentimento de novas vistas e novas possibilidades a serem exploradas. Mais problematicamente, essa combinação arquetípica também está associada à experiência de excitação vertiginosa e euforia maníaca que pode acompanhar a transição para o BPM IV antes da resolução completa do processo psicoespiritual de morte e renascimento.

Quando usamos a astrologia no trabalho com estados holotrópicos, a complexidade das interpretações aumenta com o número de trânsitos planetários acontecendo ao mesmo tempo e com o número de planetas envolvidos neles. Em muitos casos, dois ou mais trânsitos importantes podem operar simultaneamente e suas energias podem estar em conflito, produzindo combinações complexas e fusões dialéticas das forças arquetípicas envolvidas. Uma interpretação abrangente requer que um astrólogo experiente avalie uma situação específica e observe o mapa natal e os trânsitos como um campo unificado e uma gestalt integral. Histórias de casos específicos dessas correlações extraordinárias serão exploradas em uma edição posterior da revista Archai.

**7. A base arquetípica dos sistemas COEX:** A astrologia de Natal e de trânsito também forneceu uma compreensão mais profunda de outro conceito importante que emergiu de minha pesquisa psicodélica e holotrópica. Percebi muito cedo neste trabalho que as memórias emocionalmente relevantes de meus clientes não eram armazenadas no inconsciente como um mosaico de impressões isoladas, mas na forma de constelações dinâmicas complexas. Eu cunhei para essas memórias que agrega o nome de sistemas COEX, que é a abreviação de "sistemas de experiência condensada". Um sistema COEX consiste em memórias emocionalmente carregadas de diferentes períodos da nossa vida que se assemelham na qualidade da emoção ou sensação física que eles compartilham.

Cada COEX tem um tema básico que permeia todas as suas camadas e representa seu denominador comum. As camadas individuais, portanto, contêm variações desse tema básico que ocorreram em diferentes períodos da vida da pessoa. Todas as constelações do COEX parecem sobrepostas e ancoradas no trauma do nascimento e estão dinamicamente relacionadas a uma das matrizes perinatais ou a um aspecto específico da mesma. No entanto, um sistema COEX típico chega ainda mais longe e suas raízes mais profundas consistem em várias formas de fenômenos transpessoais, como experiências históricas coletivas, experiências de vidas passadas, arquétipos junguianos, identificação consciente com vários animais e outros.

O refinamento mais recente da minha compreensão da dinâmica do COEX foi a surpreendente descoberta de que a natureza e o conteúdo de importantes sistemas COEX na psique de um indivíduo tendem a mostrar correlações impressionantes com os principais aspectos planetários em seu mapa astrológico natal. Além disso, o momento dos eventos biográficos que constituem as várias camadas dos sistemas COEX parece coincidir com grande consistência com os períodos em que trânsitos planetários significativos estavam se movendo precisamente nesses aspectos natais. Essas descobertas, portanto, lançam uma nova luz sobre as interconexões dinâmicas entre os constituintes biográfico, perinatal e transpessoal dos sistemas COEX, que observei repetidamente em meu trabalho clínico.

Devido a essas correlações surpreendentemente consistentes, passei a considerar a astrologia, particularmente a astrologia de trânsito, como a tão procurada “pedra de Rosetta” da pesquisa em consciência, fornecendo uma chave essencial para entender a natureza e o conteúdo dos estados de consciência holotrópicos ou não comuns, ambos espontâneo e induzido. Embora as correlações relativas às experiências passadas sejam principalmente de interesse teórico, o exame dos trânsitos atuais pode ser extremamente útil no trabalho com indivíduos em “emergências espirituais”, e a possibilidade de fazer previsões notavelmente precisas do caráter arquetípico de estados não-comuns com base em trânsitos futuros é uma ferramenta inestimável no planejamento de sessões psicodélicas e holotrópicas.

**8. Trânsitos mundiais e diagnósticos psicológicos:** teóricos e clínicos no campo da psicologia, tentando estabelecer um sistema classificatório fixo de diagnósticos psiquiátricos, expressaram sua frustração contínua com a falta de correspondência entre a descrição das categorias diagnósticas e os quadros clínicos reais eles encontram no trabalho com seus pacientes. Até o momento, estamos na quarta versão revisada do Manual Americano de Diagnóstico e Estatística (DSM-IV). Embora existam muitos fatores por trás dessas revisões, do ponto de vista astrológico, a mutabilidade contínua do quadro clínico é compreensível, pelo

menos em parte, em termos da dinâmica arquetípica em constante mudança da psique coletiva, que por sua vez é vista como correspondem às relações angulares cambiantes entre os planetas estudados nos trânsitos mundiais.

Como a pesquisa de Richard Tarnas mostrou, quando dois ou mais planetas em seus respectivos ciclos se movem para certos alinhamentos principais no céu em vários períodos da história, o campo arquetípico combinado associado a esses planetas tende consistentemente a dar a esses períodos um certo sabor experimental e determinar, em nível arquetípico, o caráter subjacente de seu Zeitgeist. Esse fenômeno é particularmente significativo e duradouro quando envolve combinações dos planetas exteriores de Júpiter a Plutão, como na conjunção Urano-Plutão da década de 1960 ou na conjunção Urano-Netuno do final das décadas de 1980 e 1990.<sup>7</sup> No momento de tais alinhamentos planetários importantes para o mundo inteiro, os complexos arquetípicos correspondentes podem se tornar personalizados para os indivíduos, principalmente se eles formarem grandes trânsitos para planetas específicos em seus mapas natais. Psicologicamente, esses alinhamentos podem se refletir em tendências a distúrbios emocionais e psicossomáticos específicos. Como resultado, psiquiatras de décadas diferentes não encontram exatamente os mesmos fenômenos que seus colegas de épocas anteriores ou posteriores. A psicopatologia, portanto, parece variar de acordo com a natureza dos trânsitos mundiais atuais e os trânsitos pessoais de indivíduos específicos. Essa variação sugere um possível fator de por que a criação de um DSM-IV fixo e universalmente válido parece ser intrinsecamente problemática.

7. Ver Richard Tarnas, *Cosmos e Psyche: Intimations of a New World View* (Nova York: Viking, 2006).

Mas essa não é a história toda. Nos cursos anuais que Richard Tarnas e eu ministramos no Instituto de Estudos Integrals da Califórnia, discutimos as principais escolas de psicologia profunda e analisamos os mapas astrológicos de seus fundadores. Logo se tornou claro para nós que os principais aspectos planetários nos mapas natais desses pioneiros - Freud, Jung, Rank, Reich, Klein e outros - se aproximavam do caráter específico de suas teorias psicológicas. As diferenças em suas psicologias tornaram-se inteligíveis como um reflexo de sua orientação arquetípica básica, que por sua vez era discernível em seus alinhamentos planetários natais. Ao contrário da auto-imagem psicanalítica convencional, ficou claro que os vários pioneiros da psicanálise não foram capazes de estudar objetivamente as psiques de seus clientes e tirar conclusões gerais que permaneceriam válidas indefinidamente. Em vez disso, eles viram inevitavelmente os problemas de seus clientes através de estênceis perceptivos subjetivos ou lentes distorcidas, correspondendo aos aspectos planetários em

seus próprios mapas de nascimento e seus trânsitos pessoais no momento de suas observações clínicas.<sup>8</sup>

Com exceção dos distúrbios organicamente determinados, a psiquiatria não possui um conjunto fixo de fenômenos para estudar. O resultado de qualquer pesquisa de distúrbios emocionais e psicossomáticos que não sejam orgânicos é, portanto, determinada por uma interação complexa de vários fatores, entre os quais deve ser incluído o mapa astrológico do pesquisador e seus trânsitos no momento da observação; os aspectos planetários de todo o mundo que definem o Zeitgeist de um período específico; e os trânsitos pessoais que coloreem as experiências dos clientes.

A imagem da psiquiatria como uma disciplina que possui descrições concisas de condições patológicas fixas e transtemporais e um arsenal de remédios e intervenções específicas é uma ilusão. A única abordagem viável, dado o contexto arquetípico inconstante, é descrever os transtornos psiquiátricos em termos de relacionamentos e ferramentas que podem ser usados para analisar a situação em um determinado momento e caracterizá-la em termos da fenomenologia das experiências do cliente e de seus familiares. relacionamento com os trânsitos planetários do cliente. Também é necessário, como corretivo, levar em consideração os aspectos planetários globais e o próprio gráfico e trânsito do pesquisador.

8. Para exemplos desse fenômeno, veja o artigo de Richard Tarnas "O Ideal e o Real", na Seção 2 desta edição da Archai, na qual ele explora brevemente a expressão do complexo arquetípico de Saturno-Netuno na obra de Sigmund Freud. e James Hillman.

### **Implicações da Pesquisa Holotrópica e da Astrologia Arquetípica**

Enquanto todas as observações acima da pesquisa transpessoal apontam para uma visão de mundo e teoria da personalidade que estão em consonância geral com a astrologia, a pesquisa em estados holotrópicos acumulou um corpo significativo de evidências que apóiam de maneira bastante específica as suposições fundamentais da astrologia. No entanto, a civilização euro-americana moderna está sob uma influência tão forte da ciência materialista que posso dizer, por minha própria experiência, que geralmente leva anos de pesquisa de estados holotrópicos e extensa exposição pessoal a eles antes que alguém possa quebrar seu feitiço e aceitar as revisões radicais que precisam ser feitas em nossa compreensão da psique humana e da natureza da realidade para acomodar os novos dados. A vasta gama de observações desafiadoras dos estados holotrópicos e da astrologia não pode ser tratada por um pequeno retalho conceitual ou um ajuste cosmético ocasional usando pequenas hipóteses ad hoc. Em vez disso, exigiria uma revisão drástica da visão de mundo moderna, destruindo e

substituindo as suposições e crenças metafísicas mais fundamentais da ciência materialista.

As conexões reveladas pela astrologia são tão complexas, intrincadas, criativas e altamente imaginativas que, na minha opinião, apontam fortemente para uma origem divina. Eles fornecem evidências convincentes de uma ordem significativa e profunda subjacente à criação e de uma inteligência cósmica superior que a gerou. Além disso, as descobertas da astrologia natal e de trânsito desafiam o princípio básico da ciência materialista de que o universo é essencialmente sem sentido e que não tem nenhuma conexão especial com os seres humanos.

Essa convicção de que as leis naturais não oferecem um propósito discernível para os seres humanos foi mais explicitamente expressa pelo físico cosmológico Steven Weinberg. "Acredito que não há sentido que possa ser descoberto pelos métodos da ciência", disse ele em entrevista. "Acredito que o que descobrimos até agora - um universo impessoal que não é particularmente direcionado aos seres humanos - é o que continuaremos descobrindo. E que, quando encontrarmos as leis da natureza, elas terão uma qualidade arrepiante, fria e impessoal."<sup>9</sup>

A imagem de um universo interconectado profundamente significativo, permeado por inteligência superior e incluindo todos os indivíduos em seu intrigante roteiro, levanta uma questão muito interessante: existe uma visão de mundo abrangente que possa integrar as descobertas das ciências naturais e da pesquisa moderna da consciência e, ao mesmo tempo? tempo, incorporar astrologia? Ao longo dos anos, e não sem lutas e tribulações, cheguei à conclusão de que existe de fato uma visão de mundo que pode absorver e explicar minhas experiências e observações da pesquisa da consciência, bem como abraçar a astrologia. Escusado será dizer que, no entanto, isso difere diametralmente do sistema de crenças que domina a civilização ocidental moderna.

9. Steven Weinberg, em uma entrevista para o programa de televisão da PBS, Faith and Reason (<http://www.pbs.org/faithandreason/transcript/wein-frame.html>; acessado em 27 de maio de 2009. Veja também Steven Weinberg, The Primeiros três minutos: visão moderna da origem do universo (Nova York: Basic Books, 1998).

Descrevi essa visão de mundo em meu livro O Jogo Cósmico: Explorações das Fronteiras da Consciência Humana (1998) e a apresentei também de forma condensada em um capítulo do meu livro Psychology of the Future (2000). Essa visão da realidade é baseada em experiências e insights de estados holotrópicos e retrata o universo não como um sistema material, mas como um jogo infinitamente complexo de Consciência Absoluta. As escrituras hindus antigas descrevem uma visão semelhante do cosmos, referindo-se aos eventos nos

mundos fenomenais como lila, a peça divina. Eu tentei mostrar em minhas publicações anteriores que essa maneira de ver o universo está se tornando cada vez mais compatível com vários avanços revolucionários na nova ciência de paradigmas (Grof 1985, 1998).

Se o cosmos é uma criação da inteligência superior e não uma super-máquina que se criou, torna-se mais facilmente plausível que a astrologia possa ser uma das muitas ordens diferentes incorporadas no tecido universal. Poderia ser visto como um complemento útil e até necessário ao campo da ciência como ele existe atualmente, e não como um rival irreconciliável da visão científica do mundo. Abrir-se conceitualmente a essa possibilidade tornaria possível utilizar o grande potencial que a astrologia possui como uma ferramenta clínica e de pesquisa em psiquiatria, psicologia e psicoterapia, bem como para uma variedade de outras disciplinas.

## **Bibliografia**

Bohm, David. *Wholeness and the Implicate Order*. London: Routledge, 1980.

Bolen, Jean S. *Goddesses in Everywoman: A New Psychology of Women*. San Francisco: Harper and Row, 1984.

———. *Gods in Everyman: A New Psychology of Men's Lives and Loves*. San Francisco: Harper and Row, 1989.

Campbell, Joseph. *Myths to Live By*. New York: Bantam, 1972.

deMause, Lloyd. *Foundations of Psychohistory*. New York: Creative Roots, 1982.

Grof, Stanislav. *The Adventure of Self-Discovery*. Albany, NY: State University New York Press, 1988.

———. *Beyond the Brain: Birth, Death, and Transcendence in Psychotherapy*. Albany, NY: State University New York Press, 1985.

———. *The Cosmic Game: Explorations of the Frontiers of Human Consciousness*. Albany, NY: State University New York Press, 1998.

———. *Psychology of the Future: Lessons from Modern Consciousness Research*. Albany, NY: State University of New York Press, 2000.

———. *When the Impossible Happens: Adventures in Non-Ordinary Realities*. Louisville, CO: Sounds True, 2006.

Grof, Stanislav with Hal Z. Bennett. *The Holotropic Mind*. San Francisco: Harper Publications, 1992.

Hand, Robert. *Planets in Transit: Life Cycles for Living*. Gloucester, MA: ParaResearch, 1976.

Hillman, James. *Re-Visioning Psychology*. 1975. Reprint, New York: HarperPerennial, 1992.

Jung, Carl. G. *The Archetypes and the Collective Unconscious*. *Collected Works*, vol. 9, part i. Translated by R. F. C. Hull. Bollingen Series XX. Princeton: Princeton University Press, 1959.

———. *Synchronicity: An Acausal Connecting Principle*. *Collected Works*, vol. 8. Translated by R. F. C. Hull. Bollingen Series XX. Princeton: Princeton University Press, 1960.

Talbot, Michael. *The Holographic Universe*. New York: Harper Collins Publishers, 1991.

Tarnas, Richard. *Cosmos and Psyche: Intimations of a New World View*. New York: Viking, 2006.

———. *The Passion of the Western Mind*. 1991. Reprint, New York: Ballantine, 1993.

———. *Prometheus the Awakener: An Essay on the Archetypal Meaning of the Planet Uranus*. Woodstock, CT: Spring Publications, 1995.

Weinberg, Steven. *The First Three Minutes: Modern View of the Origin of the Universe*. New York: Basic Books, 1998.

———. Interview for the PBS television program, *Faith and Reason*. <http://www.pbs.org/faithandreason/transcript/wein-frame.html>. Accessed May 27, 2009.